



Encontro Internacional sobre Gestão
Empresarial e Meio Ambiente

ISSN: 2359-1048
Dezembro 2016

COMUNIDADES DE PRÁTICA EM UMA FACULDADE PÚBLICA DE GESTÃO: VALORES COMPARTILHADOS NAS ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS PARA O BEM COMUM

JÚLIO CÉSAR BORGES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ac.julio@hotmail.com

LUCIANA ORANGES CEZARINO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
lcezarino@gmail.com

TAMIRIS CAPELLARO FERREIRA
tamiris.capellaro@gmail.com

OTÁVIA TRAVENÇOLO MUNIZ SALA
otaviat@gmail.com

DELTON UNGLAUB
delton.unglaub@gmail.com

COMUNIDADES DE PRÁTICA EM UMA FACULDADE PÚBLICA DE GESTÃO: VALORES COMPARTILHADOS NAS ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS PARA O BEM COMUM

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise do comportamento das organizações estudantis em uma faculdade pública de gestão e mostra como ele é capaz de proporcionar o bem comum. As organizações estudantis são consideradas comunidades de prática, uma vez que são dinâmicas e interativas e não podem ser controladas pela instituição. Assim, o compartilhamento do conhecimento e o engajamento dos participantes ocorrem de forma natural. Como problema de pesquisa tem-se: quais são os valores e práticas compartilhadas nas organizações estudantis de uma faculdade pública de gestão, característicos de comunidades de prática, capazes de proporcionar o bem comum? Foi enviado um questionário para todos os membros das nove organizações estudantis, contendo seis questões abertas e questões de perfil. As respostas das questões abertas foram submetidas a análises qualitativas e quantitativas de conteúdo. Os resultados demonstram que há evidências de que as organizações estudantis não são majoritariamente organizações tradicionais e conectam pessoas por crenças, paixões e ideais em comum para o alcance de diversos objetivos.

Palavras-chave: comunidade de prática, entidade estudantil, análise de conteúdo, bem comum, sustentabilidade.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the behavior of the student organizations in a public college of management and shows how they are able to provide the common good. Student organizations are considered communities of practice, since they are dynamic, interactive and cannot be controlled by the institution. Thus, knowledge sharing and engagement of participants occurs naturally. As a research question we have: what are the values and practices shared in student organizations in a public college of management that are characteristics of communities of practice, able to provide the common good? A questionnaire to all members of the nine student organizations, containing six open-ended questions, and profile questions was sent. The answers to the open-ended questions were submitted to qualitative and quantitative content analysis. The results show that there is evidence that student organizations are not mostly traditional organizations and that they connect people for their beliefs, passions and ideals in common to achieve several goals.

Keywords: community of practice, student organization, content analysis, common good, sustainability.

1. Introdução

O ambiente universitário é palco de transformações sociais por meio do ensino, pesquisa e extensão. Os alunos exercem um papel central nessas transformações, na medida em que não satisfazem seus anseios pessoais pela mera presença em sala de aula, para acompanhar aulas expositivas ou com baixa interação. Muitos vão além, em busca de realização, crescimento pessoal e participação ativa nas mudanças sociais de seu tempo. Segundo Baker (2008), estudantes que se envolvem em atividades extracurriculares durante a universidade conseguem um desempenho superior aos que apenas assistem às aulas.

Nessa realidade surgiram as organizações estudantis para a busca desse “algo mais” (CASTELLANOS, 2016; TALBERT; LARKE, JR.; JONES, 1999; WILHELM; PERRONE, 2012). A sua atuação é conhecida historicamente e em diversas universidades mundo afora (CASTELLANOS, 2016; EKLUND-LEEN; YOUNG, 1997; FRIEZE; BLUM, 2002; TALBERT; LARKE, JR.; JONES, 1999).

Em uma sociedade não menos resignada, surgiram as comunidades de prática, unindo pessoas em um engajamento mútuo e compartilhando valores para a prática de ações transformadoras (WENGER, 1998). Comunidades de prática podem apresentar diferentes formatos (ALJUWAIBER, 2016; BROWN; DUGUID, 1991; IVERSON; MCPHEE, 2002; MORLEY, 2016; WENGER, 1998, 2000), mas representam a expansão das associações estudantis em organizações de vida própria, com fins não lucrativos e objetivos sociais. O conceito foi desenvolvido por Wenger et. al. (2002) como conjunto de pessoas que "compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre um tópico, que aprofundam os seus conhecimentos e experiência nessa área através da integração em uma base contínua". Segundo Murillo (2011) o termo passou por um período de grande impacto nas publicações acadêmicas durante a primeira década dos anos 2000 e depois por um abrandamento na tendência das publicações robustas.

O resgate do termo à esta análise se faz propícia, haja vista que a compreensão dos valores das organizações estudantis pode esclarecer se há associação com as características das comunidades de prática, possibilitando descrever como as organizações foram construídas e qual o nível de similaridade.

Na faculdade pública de gestão aqui estudada, parte de seus aproximados 1.300 alunos dos cursos de graduação se organizam em nove entidades estudantis para a prática de atividades esportivas, empreendedorismo, consultoria, projetos sociais, educação financeira etc.

Diante disso, o objetivo do trabalho é associar os valores e práticas da equipe participante das entidades estudantis da faculdade pública de gestão com as características das comunidades de prática, no contexto do desenvolvimento social. Para tanto, se questiona: *Quais são os valores e práticas compartilhadas nas organizações estudantis em uma faculdade pública de gestão, característicos de comunidades de prática, capazes de proporcionar o desenvolvimento social?*

Segundo Marconi e Lakatos (2003) a justificativa de um trabalho acadêmico deve abranger as dimensões prática, metodológica e teórica. Em termos práticos os resultados podem ajudar a esclarecer o valor das organizações estudantis ao seu entorno, mostrando as motivações das ações voluntárias e seu dinamismo de mobilização. Teoricamente faz-se relevante compreender os valores, interesses de relacionamento e dessemelhanças que esta organização pode apresentar e, por fim, o método utilizado apresenta-se viável e adequado haja vista que permitiu que percepções sobre o fenômeno pudessem ser captadas, sem interferências limitantes, mas dentro do rigor metodológico. Um questionário auto-administrado pela Internet foi

distribuído para os membros dessas organizações estudantis, contendo seis questões abertas e questões de perfil (gênero, idade, período, semestre, curso e entidade da qual participa). As respostas das questões abertas foram submetidas a análises qualitativas e quantitativas de conteúdo segundo as metodologias e técnicas de Krippendorff (2004), com o auxílio do software de análise de conteúdo Nvivo Pro, versão 11.3, para auxílio na organização do texto a ser analisado e codificação manual dos conteúdos.

No final deste trabalho são apresentados os resultados conclusivos da pesquisa, suas limitações e sugestões de pesquisas futuras.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 Organizações estudantis ou entidades estudantis

A construção de qualquer organização bem-sucedida é difícil, mas conseguir isso em uma organização estudantil é ainda mais complicado, porque os associados mudam com muita frequência (BANKS; COMBS, 1989).

Os estudos de Eklund-Leen e Young (1997) sugerem que alunos que não se envolvem em atividades fora da sala de aula, tanto em atividades estudantis organizadas, como em trabalhos no campus, apresentam menos maturidade em seu desenvolvimento do que os que participam. Por outro lado, a participação universitária prática fornece uma maior sensação de capacidade e melhora a competência na escola, bem como, aumenta o conhecimento geral, desempenho acadêmico e a liberdade de expressão (BAKER, 2008).

Uma organização estudantil pode fornecer uma estrutura de apoio informal, de orientação e amizade, centrada em uma série de eventos sociais. Tais eventos são essenciais para o sucesso de uma organização estudantil, assim como o apoio institucional da universidade, faculdade e departamentos (FRIEZE; BLUM, 2002).

As organizações estudantis contribuem para a preparação da carreira futura, pois é um ambiente de desenvolvimento profissional, trabalho em equipe e aprendizagem de experiências práticas (PELTIER; SCOVOTTI; POINTER, 2008). Elas são entendidas também pelos alunos como um meio de buscarem qualificação profissional e de desenvolverem competências frente a um mercado altamente exigente e competitivo (WILHELM; PERRONE, 2012).

A organização estudantil também tem a capacidade de mitigar efeitos da vivência acadêmica que geram estresse, como choque cultural, dificuldades de transporte, despesas diárias, barreiras da linguagem e dificuldades de se adaptar a um novo sistema acadêmico (LIN, 2006).

Segundo um estudo conduzido por Lin (2006) sobre a comunidade chinesa em uma universidade norte-americana, a organização estudantil é capaz de fornecer suporte ao estudante, naturalmente através de seus membros, tais como, suporte informacional, emocional, material e intelectual. Entre o amplo repertório de atividades realizadas pelas entidades estudantis estão os eventos e ações coletivas, que são uma excelente oportunidade de networking e novas amizades (BROWN; KANT, 2009).

As investigações científicas de Passino (2009) sugerem que a organização estudantil tem a capacidade de envolver alunos entusiasmados, oferecer oportunidades para a aprendizagem prática, ultrapassar barreiras curriculares, gerar um ambiente propício à aprendizagem onde os alunos não se preocupam com notas, incentivar o espírito de independência e envolver os alunos em atividades extracurriculares produtivas.

A convivência em uma entidade estudantil ignora posições de hierarquia e poder, que são substituídas por colegialidade e dedicação à obtenção de sucesso acadêmico e profissional. Talvez pelo fato de vários membros pertencerem a algumas das mesmas organizações, compartilham experiências semelhantes e participarem de algumas aulas em comum, o que fornece um mecanismo de apoio adicional e vital para melhorar o sucesso acadêmico dos alunos. (TALBERT; LARKE, JR.; JONES, 1999). Daí decorre também o ambiente de respeito, afirmação das mulheres, suporte mútuo, suporte ao estrangeiro, integração e amizade (CASTELLANOS, 2016; ROELOFSEN; PETERS, 2015).

Alguns estudantes podem perceber a universidade como deficitária, pois entendem que precisam utilizarem-se de elementos extracurriculares (participação em uma organização estudantil, por exemplo) para conseguirem desenvolver o perfil que o mercado de trabalho requisita (WILHELM; PERRONE, 2012).

Sobre a negligência acadêmica, especialmente relacionada à sustentabilidade, Ghoshal (2005) escreve que “no desejo de criar e proteger a pretensão de conhecimento – em nossa empreitada para fazer os estudos de negócios uma ciência – podemos ter ido longe demais ao ignorar as consequências não só para os nossos alunos, mas também para a sociedade”.

2.2. Comunidades de prática

A comunidade de prática é um conjunto de pessoas que "compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre um tópico, que aprofundam os seus conhecimentos e experiência nessa área através da integração em uma base contínua" (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, p. 4).

Wenger (1998) especificou três características das comunidades de prática: engajamento mútuo, negociação da sociedade mista, e repertório compartilhado. Engajamento mútuo vem da interação dos membros. Pela inter-relação, os membros são motivados a negociar suas práticas e os significados das ações. Negociação da sociedade mista dá a sensação de coerência e propósito da comunidade de prática. Membros interagem para definir significado, moldar as práticas, e reagirem a um contexto mais amplo.

Comunidades de prática são difíceis de serem controladas externamente por uma organização porque são dinâmicas, interativas e fluidas; a administração delas, ou o conhecimento que produzem, não pode assumir a forma de controle. Em vez disso, a administração deve aceitar o entendimento de que as comunidades de prática engajam os participantes, negociam significados e compartilham conhecimento naturalmente. (IVERSON; MCPHEE, 2002).

As organizações, entendem-se aqui a faculdade e a universidade, não têm plenas condições de gerenciar as comunidades de prática, mas podem proporcionar o ambiente adequado para que estas tenham sucesso. Segundo Wenger et al. (2002, p. 13):

As organizações podem fazer muito para criar um ambiente no qual elas possam prosperar: valorizando o aprendizado que eles criam, disponibilizando tempo e outros recursos disponíveis para o seu trabalho, incentivando a participação e removendo barreiras. A criação de tal contexto implica também a integração das comunidades na organização - dando-lhes voz nas decisões e legitimidade em influenciar as unidades operacionais, e o desenvolvimento de processos internos para gerenciar o valor que elas criam.

A teoria das comunidades de prática oferece uma estrutura conceitual complexa que ilumina conexões e processos de conhecimento com base em um modelo de centros de comunicação em gestão do conhecimento (ALJUWAIBER, 2016). Além disso, o engajamento mútuo, a negociação de sociedade mista e os repertórios compartilhados oferecem *insights* sobre as implicações sociais da gestão do conhecimento para a organização (IVERSON; MCPHEE, 2002).

Para Brown e Duguid (1991), o conceito composto de “aprendendo trabalhando” representa melhor a evolução fluida de aprender por meio da prática e a aprendizagem pode ser vista como uma ponte entre trabalho e inovação. Para entender o trabalho e a aprendizagem é necessário focalizar na formação e na mudança nas comunidades onde o trabalho tem espaço. Através das suas adaptações constantes de trocas de membros e mudanças de circunstâncias, as comunidades de prática são ambientes férteis para aprendizagem, trabalho e inovação.

Nestas, a riqueza do ambiente de aprendizagem social e da aprendizagem colaborativa resultam muitas em oportunidades, planejadas e não planejadas, para o aprendizado (MORLEY, 2016).

Para Blasco (2012), a teoria das comunidades de prática explica em partes, que a aprendizagem moral em escolas de negócios é moldada por processos de socialização, tanto dentro como fora do currículo formal. Através da sua participação nestes processos de socialização cumulativos, os alunos aprendem o que significa ser um estudante de negócios e futuros profissionais comprometidos com os valores da sustentabilidade.

De acordo com Murillo (2011) o conceito edificou influências nos campos da educação, da sociologia e da antropologia, podendo ter suas pesquisas de literatura sistemáticas em Davenport e Hall (2002) e em Koliba e Gajda (2009).

2.2.1. Características das comunidades de prática

Segundo a definição de comunidades de prática de Werner et al. (2002) é possível identificar que a primeira característica das comunidades de prática são os valores que envolvem os participantes em torno de uma mesma causa. Mas não se trata apenas de um sonho ou algo abstrato, a comunidade de prática, também pressupõe o uso da experiência e do conhecimento de quem compartilha esses valores em uma atividade contínua de mudança. Desta forma, pode ser destacada uma dimensão inicial: valores, indicando amor/paixão e profissionalismo.

Morley (2016) e Aljuwaiber (2016) apresentam os relacionamentos e o desenvolvimento de redes de amizade. Contatos até mesmo para entretenimento são relevantes para o processo de criação de comunidades. Para Brow e Kant (2009) conhecer pessoas faz parte e fazer amizades faz parte dessa iniciativa.

Outra questão envolvida é a própria aquisição de conhecimento que se tem ao participar de uma comunidade de prática. Wenger (1998), Eklund-Leen e Young (1997) e Passino (2009) reiteram a ideia de que o aprender fazendo pode levar a um aprendizado mais consolidada, em função dos significados criados quando os conceitos se operacionalizam.

Para Castellanos (2016), Lin (2006) e Roelofsen e Peters (2015) além do aprendizado teórico, as comunidades permitem que haja uma sensibilização em relação à posição do outro. Ao entrar em contato com uma realidade difícil, até mesmo caótica, os praticantes podem utilizar sua experiência para transformação social. Na visão ainda de Iverson e McPhee (2002), quando se une boas intenções com experiência profissional, os resultados para o bem-estar da sociedade são os melhores possíveis.

Blasco (2012) argumenta que não só práticas sociais podem ser incorporadas, mas também a profissionalização dos princípios do desenvolvimento sustentável, que neste caso estudado se dão pela avaliação de projetos, equipes de responsabilidade social nas entidades, ações e intervenções pontuais, substituição do papel por conteúdos digitais, apoio à ONGs especializadas, realização de palestras, trabalho voluntário, ações filantrópicas, conscientização para o consumo, participação no escritório de sustentabilidade da faculdade, realização de eventos temáticos, atuação ética e projetos envolvendo sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Por fim, a literatura também menciona como característica das comunidades de prática a presença de suporte mútuo entre os membros, apoio afetivo, intelectual, transporte e caronas, apoio material, treinamentos, compartilhamento de moradia, laços de amizade, compartilhamento de oportunidades, alimentação, troca de conhecimentos, apoio pessoal e profissional, aconselhamentos, rateio de gastos e dicas de emprego (BAKER, 2008; CASTELLANOS, 2016; FRIEZE; BLUM, 2002; LIN, 2006; ROELOFSEN; PETERS, 2015).

Portanto, podem ser elencadas as características que a literatura propõe como específicas às comunidades de práticas no Quadro 1. Essas características serão as diretrizes para a criação das questões do instrumento de pesquisa.

Quadro 1 - Categorias das comunidades citadas na literatura para desenvolvimento do instrumento de pesquisa.

Questão 1 / Categoria 1	Valores que unem os participantes da entidade estudantil
Questão 2 / Categoria 2	Interesses de relacionamento com outras pessoas ao participar de uma entidade estudantil
Questão 3 / Categoria 3	Utilidade da entidade estudantil para a prática de conceitos teóricos
Questão 4 / Categoria 4	Utilidade da entidade estudantil para a comunidade
Questão 5 / Categoria 5	Valores do desenvolvimento sustentável incorporados
Questão 6 / Categoria 6	Suporte mútuo entre os membros de uma entidade estudantil.

Fonte: autoria própria

3. Metodologia

3.1. Público participante

Na faculdade pública de gestão estudada neste trabalho existem nove entidades estudantis, sendo elas as entidades aqui mencionadas como “entidade 1”, “entidade 2”, “entidade 3”, “entidade 4”, “entidade 5”, “entidade 6”, “entidade 7”, “entidade 8” e “entidade 9”. Elas contam com uma participação significativa de alunos membros ($\Sigma=432$), se comparadas com a quantidade de alunos dos cursos de graduação ($\cong 1.300$). Alguns alunos membros são de cursos de outras unidades de ensino da universidade.

Após a elaboração das questões do instrumento de pesquisa, um *link* do questionário foi enviado aos presidentes e vice-presidentes das nove organizações estudantis, que se comprometeram a repassá-lo à totalidade dos membros ($\Sigma=432$). Os presidentes das entidades

estudantis informaram as quantidades de membros de cada uma delas como sendo as seguintes: “entidade 1” (n=47), “entidade 2” (n=36), “entidade 3” (n=42), “entidade 4” (n=35), “entidade 5” (n=102), “entidade 6” (n=46), “entidade 7” (n=51), “entidade 8” (n=31) e “entidade 9” (n=42).

A coleta da amostra ocorreu em 10 de julho de 2016 e contou com a participação de parte dos estudantes (n=109), aproximadamente 25% do total de vagas oferecidas pelas entidades estudantis ($\Sigma=432$). As idades dos alunos variam entre 17 e 25 anos, sendo que sua prevalência está compreendida entre a faixa de 17 a 20 anos (n=76); a de 21 a 25 anos é menos numerosa (n=33). O gênero dos respondentes é equilibrado entre masculino (n=58) e feminino (n=51). Estudantes dos cursos diurnos (n=63) são mais frequentes que os dos noturnos (n=46). Quanto ao curso de graduação dos respondentes, metade estuda Administração (n=53), seguido por Economia II (n=20), Economia I (n=16) e Ciências Contábeis (n=12). Alguns alunos (n=8) não declararam o curso que frequentam ou informaram cursar graduação em outras unidades de ensino.

3.2. Instrumento de coleta

O questionário continha questões de perfil (gênero, idade, período, semestre, curso e entidade da qual participa) e seis questões abertas nos seguintes termos: 1. “Quais são os valores que unem os participantes de sua entidade estudantil?”; 2. “Quais são seus interesses de relacionamento com outras pessoas ao participar de uma entidade estudantil?”; 3. “Qual a utilidade de sua entidade estudantil para melhorar a formação de um aluno de graduação, praticando os conceitos teóricos aprendidos no curso?”; 4. “Qual a utilidade de sua entidade estudantil para a comunidade? Explique.”; 5. “Você percebe que os valores do desenvolvimento sustentável estão incorporados na sua entidade estudantil? Explique.”; 6. “Quais são as oportunidades de suporte mútuo entre os membros de uma entidade estudantil? Por exemplo, apoio material, apoio afetivo, apoio intelectual, facilidades de transporte, moradia, alimentação, entre outros.”.

3.3. Procedimentos

Neste trabalho utilizou-se a pesquisa exploratória, de análise de conteúdo de textos, extraída de questões abertas, para confirmar a aplicabilidade de teorias consolidadas ou para descobrir novas informações (KRIPPENDORFF, 2004). As seis categorias principais foram extraídas do texto do enunciado das questões abertas e a análise prosseguiu com o objetivo de encontrar respostas para a pergunta de pesquisa proposta por este trabalho. Aplicamos assim o *framework* de Krippendorff (2004), por ser indicado para inferências lógicas indutivas e abduativas de fenômenos contextuais, com o objetivo de extrair categorias da análise de conteúdo para confirmar o referencial teórico, devendo seguir o seguinte rito de modelagem:

Unitizando: é a distinção sistemática dos segmentos de texto que são de interesse para uma análise (...) **Amostragem:** permite ao analista economizar esforços de pesquisa, limitando observações para um subconjunto gerenciável de unidades que é estatisticamente ou conceitualmente representativo do conjunto de todas as unidades possíveis, a população ou universo de interesse (...) **Gravando/codificando:** preenche a lacuna entre textos unitizados e a leitura deles por alguém, entre imagens distintas e que as pessoas veem nelas, ou entre observações separadas e suas interpretações situacionais (...) **Reduzindo:** atende a necessidades da representação eficiente de dados do analista, especialmente de grande volume de dados (...) **Inferindo abduativamente fenômenos**

contextuais: a partir de textos gera uma análise para fora dos dados. Preenche a lacuna entre informações descritivas de textos e o que eles significam, referem, implicam, provocam ou causam (...) **Narrando:** as respostas das perguntas das análises de conteúdo relacionadas à pergunta de pesquisa, tornando seus resultados compreensíveis para os outros. Às vezes, isso significa explicar o significado prático das conclusões ou as contribuições que fazem para a literatura disponível (KRIPPENDORFF, 2004, p.83-85).

Os resultados das respostas foram analisados com o auxílio do software Nvivo Pro, versão 11.3, visando a consulta de frequência de palavras que fornecesse pistas para a análise de conteúdo e sua posterior codificação em nós. Vale destacar, que por se tratar de uma análise de conteúdo, naturalmente não foi considerado o sentido literal isolado de cada palavra, sendo assim, foram analisados o sentido e contexto das palavras e posteriormente organizaram-se as em categorias e subcategorias.

3.4. Evidências encontradas

Definidas as seis categorias norteadoras da análise de conteúdo, com a observação dos resultados processados pelo software e a codificação manual, foi possível a criação de subcategorias que pudessem responder às investigações desta pesquisa.

Os valores quantitativos apresentados nas subcategorias podem aparecer de duas formas, ora representam a contagem de respondentes, ora representam a contagem e agrupamento de palavras encontradas, de forma a proporcionar uma melhor evidência indutiva da pergunta de pesquisa a ser respondida por este trabalho.

Categoria 1 – valores que unem os participantes da entidade estudantil

Subcategoria 1 – amor e paixão por uma causa, ou pela entidade, ou pela faculdade ou de forma não especificada

Um conjunto de 35 afirmações aponta no sentido de que os valores que unem os participantes da entidade estudantil são o amor e paixão por uma causa, ou pela entidade, ou pela faculdade ou de forma não especificada, corroborando fortemente com as afirmações de Wenger (1998). “Paixão, comprometimento, respeito e estar sempre dispostos a ajudar.” (Aluna do 5º semestre do curso de Ciências Contábeis, período noturno).

Subcategoria 2 – profissionalismo e trabalho em equipe

Constatamos as afirmações em 20 oportunidades de que a entidade estudantil é um cenário de profissionalismo e trabalho em equipe, como amplamente relatado pela literatura (BROWN; DUGUID, 1991; EKLUND-LEEN; YOUNG, 1997; IVERSON; MCPHEE, 2002; PELTIER; SCOVOTTI; POINTER, 2008; WILHELM; PERRONE, 2012). “Dedicação, profissionalismo, união e sentimento de dono.” (Aluna do 5º semestre do curso de Ciências Econômicas, período noturno).

Subcategoria 3 – união, respeito, amizade e integração

Durante a análise foram encontradas 47 confirmações de que a organização estudantil é um espaço de união, respeito, amizade e integração, como prevê a literatura em (ROELOFSEN; PETERS, 2015; WENGER, 1998).

Subcategoria 4 – vontade, comprometimento e dedicação

Encontramos 35 afirmações de que os valores que unem os participantes da entidade estudantil são a vontade, o comprometimento e a dedicação, corroborando os estudos disponíveis na literatura (PASSINO, 2009; TALBERT; LARKE, JR.; JONES, 1999; WENGER, 1998).

Categoria 2 – interesses de relacionamento com outras pessoas ao participar de uma entidade estudantil

Subcategoria 1 – pessoas, networking, contatos e amizades

A análise de conteúdo da segunda questão aberta demonstrou 102 afirmações de que os alunos participantes das 9 nove entidades estudantis buscam conhecer pessoas, fazer novas amizades e criar uma rede de *networking* e contatos. (BROWN; KANT, 2009; FRIEZE; BLUM, 2002; WENGER, 2000)

Subcategoria 2 – aprendizado, conhecimento, desenvolvimento e troca de experiências

Encontramos 42 afirmações apontando que os interesses de relacionamento dos alunos das entidades estudantis são o aprendizado, conhecimento, desenvolvimento e troca de experiências, confirmando o que relata os escritos científicos disponíveis (ALJUWAIBER, 2016; BROWN; DUGUID, 1991; MORLEY, 2016; PELTIER; SCOVOTTI; POINTER, 2008; WENGER, 2000).

Queria melhorar minha comunicação, e lá posso fazer isso num âmbito mais corporativo e com as ações ao público que a entidade realiza, posso aprender a me comunicar com pessoas que necessitam uma abordagem especial. (Aluna do 3º semestre do curso de Economia II, período diurno).

Subcategoria 3 – experiência profissional e de trabalho

Os alunos declararam 33 vezes o interesse em experiência profissional e de trabalho no relacionamento com outras pessoas, ao participar das organizações estudantis. Estas afirmações encontram respaldo consistente na literatura pesquisada (BROWN; DUGUID, 1991; IVERSON; MCPHEE, 2002; PELTIER; SCOVOTTI; POINTER, 2008; WILHELM; PERRONE, 2012).

Categoria 3 – utilidade da entidade estudantil para a prática de conceitos teóricos

Subcategoria 1 – conceitos aprendidos no curso em sala aula

Após a análise de conteúdo da terceira questão aberta, encontramos 95 afirmações relacionando a entidade estudantil como um campo prático para os conteúdos aprendidos em sala de aula. O aluno não só exercita o que aprende em aula durante o curso como também desenvolve conteúdos novos, não previstos no currículo formal. Pôr em prática o conhecimento que se tem é uma das ideias centrais das comunidades de prática descritas pela obra de Wenger (1998).

Aplicar os conhecimentos teóricos aprendidos no curso para exercer na prática no cotidiano da entidade, trabalhando em equipe e lidando com o público, aprendendo a lidar com ideias diferentes, sabendo lidar com problemas de uma forma mais tranquila, sabendo o que fazer em momentos de tensão. Acho que basicamente pode se falar que a graduação te traz os conhecimentos, e a entidade te traz a aplicação deles, você aprende nas aulas e aplica na entidade. A aula te ensina, a entidade te deixa pronto para sair rumo

ao mercado de trabalho. (Aluno do 3º semestre do curso de Economia II, período diurno).

Subcategoria 2 – prática no desenvolvimento de projetos e trabalhos

Os alunos desenvolvem os mais variados tipos de projetos e trabalhos nas atuações em uma organização estudantil. Constatamos 82 afirmações reportando a prática e trabalho efetivo na entidade estudantil, desenvolvendo, executando, controlando e avaliando projetos; ou seja, participar deste tipo de organização não é uma mera credencial, mas sim o corpo discente em ação. Encontramos apontamentos semelhantes na literatura sobre projetos e trabalhos de estudantes no campus (EKLUND-LEEN; YOUNG, 1997; PASSINO, 2009).

Subcategoria 3 – liderança, organização, marketing, empreendedorismo e responsabilidade

A análise de conteúdo das respostas também proporcionou a descoberta de especificidades nos aprendizados e prática de conteúdos tradicionais de uma faculdade de economia, administração e contabilidade. Encontrou-se 35 afirmações de que são, ao mesmo tempo, aprendidos e praticados nas entidades estudantis conceitos de “liderança”, “organização”, “marketing”, “empreendedorismo”, “responsabilidade”, entre outros temas menos citados. “Desenvolvimento de áreas como o relacionamento humano, comportamento organizacional, marketing, ética e entre outros.” (Aluno do 3º semestre do curso de Administração, período diurno).

Categoria 4 – utilidade de sua entidade estudantil para a comunidade

A subdivisão desta categoria foi organizada de acordo com a percepção de cada um dos 109 respondentes, quanto à intervenção da organização estudantil no desenvolvimento da comunidade local (faculdade, campus), comunidade externa ao campus ou simultaneamente o atendimento das comunidades interna e externa. Nas respostas da quarta questão aberta 12 alunos não opinaram ou apresentaram respostas inconclusivas.

Subcategoria 1 – comunidade interna ao campus

Analisando o conteúdo de cada resposta, encontramos 20 afirmações de percepções dos alunos que veem sua organização estudantil como articuladora de ações que atendam o público interno do campus, promovendo a internacionalização da universidade, recebendo alunos estrangeiros ou orientando colegas que partem para o intercâmbio, a integração de alunos, a prática esportiva local, o amor à faculdade, a formação de senso crítico, a autoajuda, o crescimento pessoal e profissional e a representação estudantil.

A literatura confirma o relato de casos semelhantes, especialmente sobre internacionalização, formação de senso crítico, autoajuda e representação estudantil (CASTELLANOS, 2016; LIN, 2006; ROELOFSEN; PETERS, 2015). “Catalisa a internacionalização na universidade, recebe intercambistas e auxilia os que saem do Brasil.” (Aluna do 3º semestre de Administração, período noturno).

Subcategoria 2 – comunidade externa ao campus

Para 43 alunos, sua percepção da atuação da entidade estudantil é abrangente à comunidade externa ao campus. São atividades que podem ser equiparadas a uma daquelas precípuas da universidade, ou seja, a extensão universitária. Os alunos demonstraram o engajamento em projetos de bem-estar social e empoderamento de comunidades vulneráveis,

conhecimento socioambiental para a população, retribuição da verba pública investida na universidade, capacitação de empreendedores, consultorias de baixo custo a empresas pequenas e médias, apoio a ONGs, campanhas de arrecadação de alimentos e doação de sangue, treinamentos de educação financeira e até mesmo administração hospitalar.

Os nossos dois projetos são de suma importância para a comunidade, já que os dois são voltados para a educação financeira, a qual é muito deficiente dentro das escolas e todas as pessoas têm ou terão que algum dia lidar com dinheiro e ter um conhecimento sobre certamente ajuda bastante, o projeto (...) já atingiu mais de 2.500 pessoas..., e a cada ano vai crescendo mais ainda e o projeto (...) já atendeu 8 famílias que estavam extremamente endividadas e ajudou elas e se organizar para quitar essas dívidas. (Aluno do 7º semestre do curso de Ciências Contábeis, período noturno).

As afirmações, desconsideradas as especificidades, encontram forte respaldo na literatura relacionada às comunidades de prática e ao desenvolvimento sustentável (BLASCO, 2012; GHOSHAL, 2005; IVERSON; MCPHEE, 2002; WENGER, 1998, 2000)

Subcategoria 3 – comunidade interna e externa ao campus

Segundo a resposta de 34 alunos, a organização estudantil exerce um papel de desenvolvimento simultâneo nas comunidades internas e externas ao campus, empoderando pessoas, proporcionando enriquecimento cultural, despertar do espírito empreendedor, promoção do esporte, integração com outras faculdades e outros campi, geração de ensino e aprendizagem, capacitação de gestores responsáveis, internacionalização universitária, promoção de entretenimento, capacitação de agentes de mudança social e incremento de qualidade de vida das pessoas. Esta classificação emergente da análise de conteúdo é a intersecção das duas subclasses analisadas anteriormente nesta quarta classe. “Principalmente no fomento da atividade empreendedora na cidade e região, tanto com os projetos como na formação de membros comprometidos e capazes.” (Aluna do 7º semestre do curso de Administração, período diurno).

Categoria 5 – valores do desenvolvimento sustentável incorporados

Subcategoria 1 – sim ou não

Na análise de conteúdo da 5ª questão aberta, podemos constatar de forma muito evidente que os valores do desenvolvimento sustentável estão incorporados nas ações das organizações estudantis. São 68 afirmações pelo “sim”, contra 27 pelo “não”, sendo que 14 alunos não responderam claramente ou apresentaram opiniões inconclusivas. Esta constatação é descrita nos estudos de Blasco (2012), que demonstram o potencial promissor das comunidades de prática no desenvolvimento sustentável.

Na figura 1, apresenta-se uma nuvem de palavras geradas com o auxílio do software Nvivo Pro, versão 11.3, com a finalidade de mostrar as palavras predominantes nas respostas.

estudantil; utilidade da entidade estudantil para a prática de conceitos teóricos; utilidade da entidade estudantil para a comunidade; valores do desenvolvimento sustentável incorporados; suporte mútuo entre os membros de uma entidade estudantil.

As características das comunidades de práticas propostas pela literatura puderam ser evidenciadas nas organizações estudantis da faculdade. Além disso, os resultados da análise de conteúdo também proporcionaram o desenvolvimento de subcategorias, como na categoria 1, em que foram criadas três subcategorias: profissionalismo e trabalho em equipe; união, respeito, amizade e integração; vontade, comprometimento e dedicação. Na categoria quatro mais três subcategorias foram criadas, subdividindo as externalidades positivas da comunidade de práticas em desenvolvimento intracampus, extracampus e ambos.

Nas questões de 1 a 3, fechadas, os estudantes mostraram adesão às características, com destaque à categoria 2, na subcategoria 1, em que 100% deles afirmaram buscar conhecer pessoas, fazer novas amizades e criar uma rede de *networking* e contatos. O menor valor numérico foi encontrado na categoria 1, subcategoria 2, em que 20 respostas afirmam que a entidade estudantil é um cenário de profissionalismo e trabalho em equipe. Há indícios de que nem sempre, mesmo envolvido nos valores, esses jovens demonstram profissionalismo e organização no trabalho. Por outro lado, também é preciso deixar claro que algumas associações estudantis não têm, necessariamente, um intuito corporativo, sendo mais voltadas à organização de eventos, festas ou trabalho voluntário.

Na questão sobre externalidades das comunidades de práticas, ficou claro que todas as características estão presentes, mas há maior ênfase no trabalho dedicado ao público externo ao campus. Isso ocorre nos trabalhos de campanhas, ações junto às ONGs etc. As respostas ligadas à comunidade interna revelam o trabalho mais específico de algumas associações, como o suporte aos alunos estrangeiros.

Em relação ao desenvolvimento sustentável, 68 respostas apontam que a comunidade de prática estimula ações neste sentido. Por fim, o suporte mútuo também foi encontrado em ações como compartilhamento de moradia, laços de amizade, compartilhamento de oportunidades, alimentação, troca de conhecimentos, apoio pessoal e profissional, aconselhamentos, rateio de gastos e dicas de emprego.

Como resultado deste estudo, há evidências de que as organizações estudantis não são majoritariamente organizações tradicionais, pois assumem características de comunidades de práticas, conectando pessoas unidas por crenças, paixões e ideais em comum para o alcance dos mais variados objetivos.

4.1. Considerações finais

As organizações estudantis, revestidas de características de comunidades de prática, são capazes de mobilizar ações enriquecedoras exclusivas para seus membros, incrementais para a comunidade externa ao campo de convívio e simultaneamente para os membros e comunidades fora do ambiente acadêmico.

As limitações de pesquisa, como em toda análise de conteúdo, estão na interpretação dos resultados, sendo intimamente subordinada à compreensão e discernimento dos pesquisadores (KRIPPENDORFF, 2004). Portanto, a replicabilidade deste tipo de pesquisa pode sofrer pequenas variações na codificação, classificação e quantificação do conteúdo analisado a partir do texto literal.

Em termos de pesquisas futuras é necessário aprofundamento na mensuração do desempenho individual e coletivo das organizações, encontrando respostas sobre como a proposta de cada entidade realmente se concretiza na prática.

REFERÊNCIAS

- ALJUWAIBER, A. Communities of practice as an initiative for knowledge sharing in business organisations: a literature review. **Journal of Knowledge Management**, v. 20, n. 4, p. 731–748, 11 jul. 2016.
- BAKER, C. N. Under-represented college students and extracurricular involvement: the effects of various student organizations on academic performance. **Social Psychology of Education**, v. 11, n. 3, p. 273–298, 29 ago. 2008.
- BANKS, M. C.; COMBS, H. W. The Evolving Leadership Role of the Faculty Advisor in Building a Successful Student Organization. **Journal of Education for Business**, v. 65, n. 2, p. 60–63, 30 nov. 1989.
- BLASCO, M. Aligning the Hidden Curriculum of Management Education With PRME: An Inquiry-Based Framework. **Journal of Management Education**, v. 36, n. 3, p. 364–388, 1 set. 2012.
- BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizational Learning and Communities-of-Practice: Toward a Unified View of Working, Learning, and Innovation. **Organization Science**, v. 2, n. 1, p. 40–57, fev. 1991.
- BROWN, J. T.; KANT, A. C. Creating bioentrepreneurs: How graduate student organisations foster science entrepreneurship. **Journal of Commercial Biotechnology**, v. 15, n. 2, p. 125–135, 11 abr. 2009.
- CASTELLANOS, M. Sustaining Latina Student Organizations: An Exploratory Instrumental Case Study. **Journal of Hispanic Higher Education**, v. 15, n. 3, p. 240–259, 1 jul. 2016.
- EKLUND-LEEN, S. J.; YOUNG, R. B. Attitudes of Student Organization Members and Nonmembers about Campus and Community Involvement. **Community College Review**, v. 24, n. 4, p. 71–81, 1 abr. 1997.
- FRIEZE, C.; BLUM, L. Building an effective computer science student organization. **ACM SIGCSE Bulletin**, v. 34, n. 2, p. 74, 1 jun. 2002.
- GHOSHAL, S. Bad Management Theories Are Destroying Good Management Practices. **Academy of Management Learning & Education**, v. 4, n. 1, p. 75–91, 1 mar. 2005.
- IVERSON, J. O.; MCPHEE, R. D. Knowledge Management in Communities of Practice: Being True to the Communicative Character of Knowledge. **Management Communication Quarterly**, v. 16, n. 2, p. 259–266, 1 nov. 2002.
- KRIPPENDORFF, K. **Content Analysis: An Introduction to Its Methodology**. 2nd. ed. [s.l.] SAGE Publications Inc., 2004.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIN, C. Culture Shock and Social Support: An Investigation of a Chinese Student Organization on a US Campus. **Journal of Intercultural Communication Research**, v. 35, n. 2, p. 117–137, jul. 2006.
- MORLEY, D. Applying Wenger’s communities of practice theory to placement learning. **Nurse Education Today**, v. 39, p. 161–162, abr. 2016.

- MURILLO, E. Communities of practice in the business and organization studies literature. *Inf Res* 2011; 16(1): paper 464. Disponível em <http://InformationR.net/ir/16-1/paper464.html>. Acesso em 16 set 2016.
- PASSINO, K. M. Educating the Humanitarian Engineer. **Science and Engineering Ethics**, v. 15, n. 4, p. 577–600, 13 dez. 2009.
- PELTIER, J. W.; SCOVOTTI, C.; POINTER, L. The Role the Collegiate American Marketing Association Plays in Professional and Entrepreneurial Skill Development. **Journal of Marketing Education**, v. 30, n. 1, p. 47–56, 22 jan. 2008.
- ROELOFSEN, M.; PETERS, K. Doing femininity and respectability: social networks and social capital among female members of Dutch student organisations. **Leisure Studies**, p. 1–16, 7 nov. 2015.
- TALBERT, B. A.; LARKE, JR., A.; JONES, W. A. Using a Student Organization to Increase Participation and Success of Minorities in Agricultural Disciplines. **Peabody Journal of Education**, v. 74, n. 2, p. 90–104, 9 abr. 1999.
- WENGER, E. **Communities of practice: Learning, meaning and identity**. New York: Cambridge University Press, 1998.
- WENGER, E. Communities of Practice and Social Learning Systems. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 225–246, 1 maio 2000.
- WENGER, E., MCDERMOTT, R., SNYDER, W. **Cultivating Communities of Practice: A Guide to Managing Knowledge**. Harvard Business School; McGraw-Hill Distributor, Boston, Mass. London. 2002.
- WILHELM, F.; PERRONE, C. M. Produção de subjetividade frente ao mercado de trabalho no contexto da organização estudantil. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 160–169, abr. 2012.